

The background is a vibrant, abstract floral composition. It features a central purple flower with a textured, stippled interior. To its right are large, golden-brown leaves with dark veins. Below these are yellow and white flower buds. The entire scene is set against a dark blue background and is crisscrossed by thick, wavy lines in various colors: green, orange, red, and white. A white rectangular box is positioned in the center, containing the text 'SERTÃO GALVÃO' in a large, black, sans-serif font, with 'polinizar com arte...' in a smaller font below it.

SERTÃO
GALVÃO
polinizar com arte...

SERTÃO
GALVÃO
polinizar com arte...

AGRADECIMENTOS:

Em 2024, celebramos os 60 anos de dedicação e trabalho de Roberto Galvão à arte. Ao longo dessa jornada, muitas pessoas, empresas e instituições foram fundamentais para o reconhecimento do seu talento e desempenho.

Expressamos nossa profunda gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para essa trajetória. Aos amigos, familiares, artistas, admiradores, colaboradores, visitantes o nosso eterno agradecimento pelo apoio e incentivo de sempre.

Agradecemos também às empresas e instituições que acreditaram na capacidade e empenho do artista, proporcionando oportunidades, acolhimento e recursos essenciais para o desenvolvimento da sua arte.

Que esta celebração, com a exposição **SERTÃO GALVÃO polinizar com arte...**, realizada no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, no período de 24 de agosto a 29 de novembro, seja um momento de reflexão e reconhecimento a todos que fazem parte dessa história. História essa que prosseguirá. Com a bênção de Deus!

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

G 182 s Galvão, Roberto

Sertão Galvão: Polinizar com arte. / Roberto Galvão.- Fortaleza:
Expressão Gráfica e Editora, 2024.

96 p.

ISBN: 978-65-5556-982-7

1. Exposição de arte

2. Arte Contemporânea

I. Título

CDD: 700

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães | CRB 3/801-98

SERTÃO GALVÃO

polinizar com arte...

ROBERTO GALVÃO

24.08 - 29.11.2024
FORTALEZA - CE

MAUC
MUSEU DE ARTE DA UFC

UFC 



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE CULTURA

APOIOS:


CAMPELOCOSTA
SOCIEDADE DE ADVOGADOS

Silvia Rabello
WINEMAKER

Ficha Técnica

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

Reitor:

Custódio Luís Silva de Almeida

Vice-Reitora:

Diana Cristina Silva de Azevedo

PRÓ-REITORIA DE CULTURA

Pró-Reitor:

Sandro Thomaz Gouveia

Pró-Reitora Adjunta:

Glícia Maria Pontes Bezerra

MUSEU DE ARTE DA UFC – MAUC

Diretora:

Graciele Karine Siqueira

Administração:

Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia

Davi Pereira Loiola

Comunicação Institucional e Publicações

Kathleen Raelle de P. Silveira

Maria Carlizeth da Silva Campos

Thiago Nogueira de Freitas

Regis Torquato de Araújo Tavares

Biblioteca Floriano Teixeira

Larisse Macedo de Almeida

Arquivo Institucional e

Arquivo Jean Pierre Chabloz

Auricélia França de Souza Reis

Cássio Vinícius Carvalho de Sousa

Maria Júlia Ribeiro

Reserva Técnica e Exposições

Graciele Karine Siqueira

Saulo Moreno Rocha

Educativo e Formação

Isadora Nogueira Mangualde

Cristiane Nogueira da Silva

Aline Teresinha Basso

Bolsistas NEMauc - 2024

Aline Oliveira Gurgel
Assis Alves da Silva
Aurélio Miguel Félix Nogueira
Carlos Eduardo Barbosa de Sousa
Inês Esther Aurélio Paz
Joyce Kelly de Almeida Mendes
Julia Evelyn da Silva Nunes
Letícia Nascimento Campos
Lucas de Deus Viudez de Araújo
Maria Eduarda Albuquerque Silva
Maria Gabriella Nogueira Sales
Maria Júlia Guedes Veras dos Reis
Maria Letícia de Albuquerque Nogueira
Marine dos Santos Porto
Nara Maria Braga da Silva
Pedro Iago de Souza Bernardo
Ruth Milla Gomes da Silva

Recepção

Nathália Jéssica Batista da Silva

Serviços Gerais

Raimundo Nonato Almeida Brito

Estacionamento

Francisco Marcelo Daniel de Lima

Segurança

Antonio Augusto Lopes
Francisco Joedilson Oliveira Cavalcante
Magela Felipe de Sousa
Orlando de Abreu Lima

Exposição Sertão Galvão

Curadoria:

Saulo Moreno

Expografia:

Túlio Paracampos

Produção:

Nilo Albuquerque

Apresentação:

Regina Raick

Assessoria de Imprensa:

Dégagé Comunicação

Fotos:

Alex Costa
Aurélio Alves
Ector Galvão
Lúcia Galvão

Arquivo MAUC:

Eden Barbosa
Kathleen Silveira
Helem Ribeiro
Graciele Siqueira
Expedita Ricarte

Editoração:

Jade Castro

Impressão:

Expressão Gráfica e Editora

MUSEU DE ARTE DA UFC

MUC



UFC





“Sertão: é dentro da gente”

A exposição “Sertão - GALVÃO - polinizar com arte” antecipa e traz ao Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - MAUC/UFC a primavera sertaneja neste agosto de 2024, junto às festividades e celebrações do primeiro (1o) aniversário da recém-criada Pró-Reitoria de Cultura e dos setenta (70) anos da UFC.

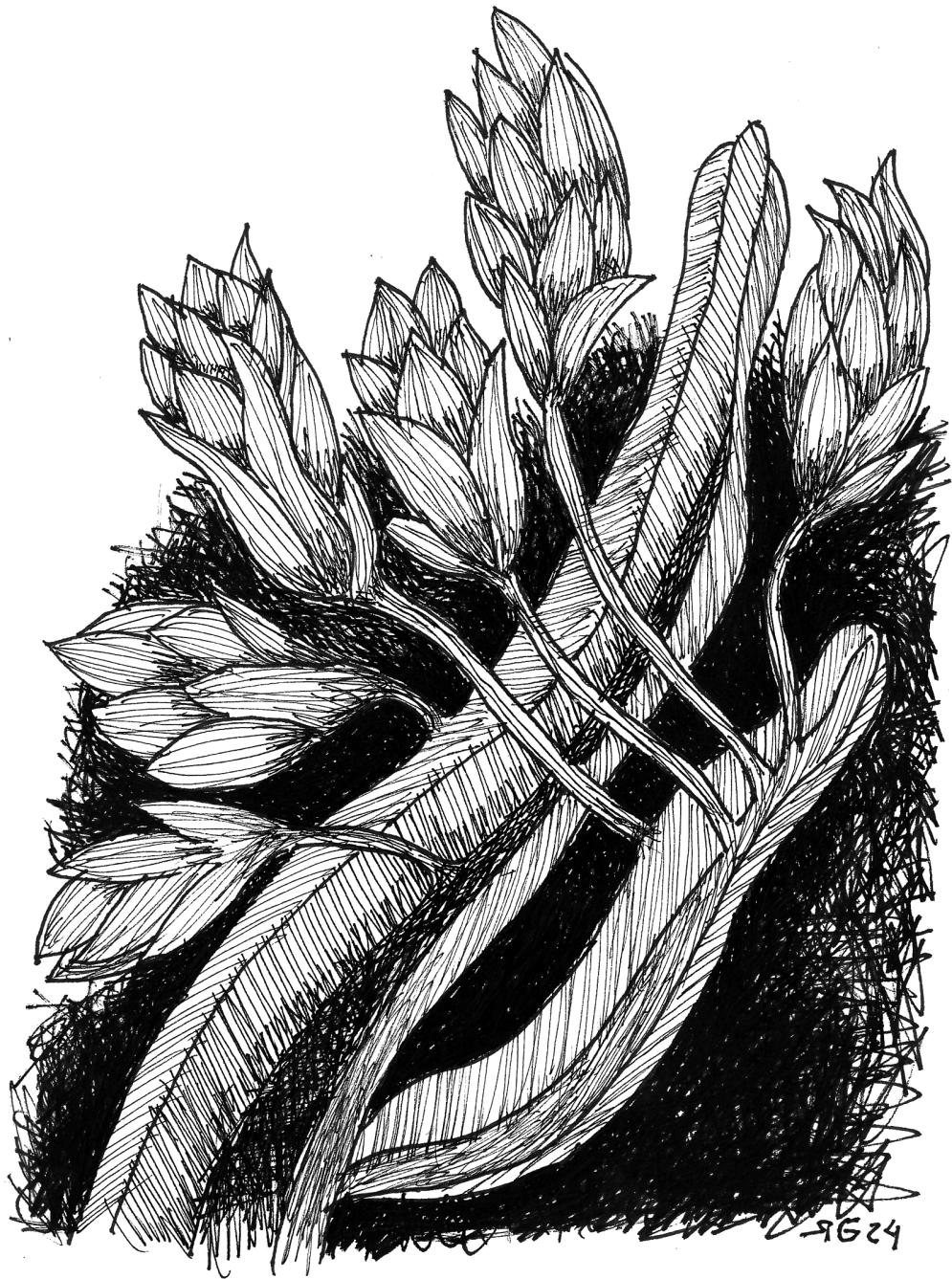
A Universidade e a Pró-Reitoria, por meio do seu Museu de Arte, reabrem as suas portas ao artista visual, pesquisador e crítico de arte, historiador e arte-educador Roberto Galvão. Neste ano de 2024, Galvão comemora os seus sessenta (60) anos de produção artística e os cinquenta (50) anos da sua primeira exposição individual no MAUC. Celebraremos também, o existir e o resistir da educação, da ciência, da arte e da cultura em tempos de polarizações e negacionismo em nossa sociedade contemporânea.

Roberto Galvão atravessa a nossa história, nosso acervo artístico e vivência, há 60 anos, o universo da arte brasileira e cearense de forma intensa e nas suas mais diversas camadas e dimensões. O artista cearense, que já pintou figuras circenses, arraiais, abstrações, animais fantásticos, paisagens - matos brancos, vem buscando ressaltar a forma e o multicolorido de belezas naturais do sertão e de um Brasil mais profundo e diverso.

Entre agosto e novembro de 2024, celebraremos e fruiremos juntos, o ato de existir, resistir, reinventar e re-existir de Roberto Galvão por meio do acesso à sua produção contemporânea. Será ainda uma oportunidade de conhecermos e circularmos por um sertão multicolorido e vibrante e, parafraseando Guimarães Rosa, “Sertão: é dentro da gente”.

Graciele Siqueira - Museóloga

Diretora do Museu de Arte da UFC





Sertão: polinizar com arte

Há 50 anos, mais precisamente em 22 de agosto de 1974, Roberto Galvão apresentou sua primeira exposição individual no Museu de Arte da UFC (Mauc), sendo identificado por Zuleide Martins, então Diretora do Museu, como “um dos destacados artistas da sua geração”. Nos anos seguintes, Galvão construiu uma carreira sólida e que se espalhou em várias frentes: ao fazer artístico, aliou a atuação como pesquisador, historiador, curador, arte-educador, gestor e, antes de tudo, um artista que plantou sementes que hoje formam um jardim fecundo e potente.

As relações de Galvão com o Mauc, portanto, são de longa data. Na Universidade, iniciou o curso de Arquitetura e concluiu a graduação e o mestrado em História. Os seus vínculos a essa instituição são longevos e permanentemente nutridos. E, para além disso, ele se

vincula a uma longa rede de agentes culturais fundamentais para a criação de políticas e projetos para as Artes em nosso Estado. Como afirma em diversos textos, o contato e a convivência com Aldemir Martins, Heloísa Juaçaba, Zenon Barreto e Descartes Gadelha, dentre outros, foi essencial à sua formação e atuação.

Estamos a falar, portanto, de uma linha que atravessa e conecta diferentes gerações, que mobilizou e mobiliza energias que não somente produziram importantes iniciativas, hoje consolidadas, como o próprio Mauc, a Pinacoteca do Ceará e a Secretaria da Cultura do Estado, mas que tiveram papel determinante na construção do nosso imaginário sobre o Ceará, os cearenses e suas múltiplas identidades. Nessa toada, Roberto Galvão certamente destaca-se por seu prolífico trabalho artístico e como imaginador-intérprete de nossa realidade sociocultural.

Ao celebrar os seus 60 anos nas Artes é impossível não fazer esse exercício de memória. Entretanto, não pensem que estamos falando de passado, somente. Antes de tudo, tratamos aqui de presente e de futuro ou, mais precisamente, de nosso *dever*, individual, coletivo e social. Toda memória só existe pelo trabalho, ou seja, pela dedicação, pela ativação contínua de processos complexos de lembrar e esquecer. Galvão conecta essas várias temporalidades e ao apresentar-nos a sua produção mais recente, convoca-nos à esperança e ao contínuo exercício da persistência e do sonho.

O seu Sertão é multicolorido, vibrante, farto e convidativo. Longe das imagens de ausência e de falta, contrapõe o senso comum e agiganta nossos sentimentos pela elaboração de um *corpus* de

imagens tentacular, que anseia romper a tela e percolar por aí, gerando vida e novos encontros. Dama da noite, flor do mato, chanana, antúrios, flor de cuxá, mandacaru, orquídeas: o seu jardim é generoso, expansivo, assim como é a sua trajetória, em que cabem diversificadas formas de pensar, viver e fazer.

O bordado de Lúcia Helena Galvão, companheira de vida e exímia mestra dos pontos e das linhas, desdobra e reinventa o traço de Galvão, com a originalidade das suas escolhas de cores e alinhavos tão marcantes quanto arrojados. O bordado, por sinal, conecta o casal de artistas aos fios de uma contemporaneidade da tradição que se expande para grupos de artistas-bordadeiras, auto-organizados por toda a Fortaleza. Compartilhando a casa, a vida, o jardim e os sonhos, Lúcia e Roberto nutrem uma cumplicidade tão linda quanto terna, que povoa suas expressões artísticas de uma amorosidade compartilhada durante toda uma vida de convivência e de apoio mútuo.

Com suas mãos e pensamento, Galvão aquarela e pinta, esculpe e grava, eterniza sentimentos e impressões: todo artista é mestre na transformação! Não espelhando o real, constrói realidades sensíveis e inteligíveis que se multiplicam no momento do encontro e da relação: toda obra de arte é um campo aberto para a fertilização do espírito. Por isso, Sertão é partilha, transbordamento e generosidade.

Temos aqui um conjunto vibrante de obras que seduzem por sua beleza e afetam por sua densidade. Os trabalhos revelam o artista experiente, com raro domínio de uma diversidade de técnicas e materiais, mas que não se furta às experimentações, às mudanças e à construção de novos universos significantes. Nesse percurso, transparece a chama do seu

compromisso duradouro com a arte e com o território que habita: suas gentes, artistas, paisagens, afetos e matrizes culturais.

Esse compromisso expressou-se de diferentes modos ao longo desse percurso tão extenso quanto rico e, nesta exposição, além de celebrarmos a sua trajetória e produção mais recente, também o agradecemos pela doação de um conjunto valioso de obras da série “Mato Branco”, que passa a integrar o acervo público do País sob guarda do MAUC e da UFC. É um gesto de grandeza que dá a ver o seu engajamento e responsabilidade com as atuais e futuras gerações, além de um presente especial à Universidade nos seus 70 anos de criação. Assim, Sertão traduz muitas celebrações e marcos felizes. Afinal, Sertão também é festa, é verde que se multiplica com pequenas gotas de orvalho; são as flores que nos lembram de que estamos aqui e agora construindo algo que se conecta ao que veio antes e ao que virá depois de nós. É um pacto com a esperança e com a diversidade, com os contrastes e alianças, é um convite ao encontro com o artista e com nós mesmos.

Esta nova série, nascida na pandemia, é um sopro de alquimia poética que convida a um mergulho na vitalidade desse mestre inquieto, intérprete e construtor de nossas paisagens afetivas e espirituais, que do desassossego poliniza nosso imaginário e anuncia tempos de alegria, muitas cores e flores.

Saulo Moreno Rocha - Museólogo (MAUC)

Curador da exposição



9624



Percursos de um colorido entre o real e o imaginário

Diz-se do céu do sertão quando formam as nuvens escuras, carregadas de água que o céu está bonito, “bonito de chover” ... e vai que chove mesmo e vai que o sertão de árido e agreste se torne assim bonito, florido ...

A obra de um artista plástico passa por várias fases, percursos de vida que vão aprofundando experiências, temas, sonhos e linguagens. O artista se e quando parece repetir-se, precisa sair da sua zona de conforto e ousar, como nós que vamos ficando cada vez mais em casa e esquecemos de viver, de ousar, ouvir, ver e sentir o que é o mundo real a nossa volta. O Roberto Galvão em entrevista concedida em Janeiro de 2023, falou no desejo de pintar em grandes dimensões e explicou porque não o fazia. Um ano depois me encontro com ele e ele me contava que tinha um projeto de realizar um trabalho de cinco metros e o planejamento para o executar; isso é se desafiar e tornar-se inquieto... dois meses depois retorno e eis que vejo não só o trabalho de cinco metros, mas três de três metros cada e um projeto para um díptico.

Pintar, desenhar, pensar a arte é a vida de meu querido amigo, esse irmão no amor às artes e as possibilidades inerentes às pessoas. As conversas podem ser as mais banais, mas em meio a elas falamos de viver de estar e ser. Quando ele me disse que Mato Branco não tinha passado, pensei: pode ser. O que vejo hoje é Mato Branco? Sim, pode ser; só se for depois de uma chuva, daquelas que rega a natureza e esquenta a terra em sementeira e como em um passo de mágica, transforma tudo em jardim, paraíso, cheio de aves e sons, transbordante de vida. As mais belas flores têm espinhos, é verdade, lutam pela nesga de sol e se regozijam nas brisas do Aracati em meio a cipós e parasitas. Que cores. Que vibração extraordinária.

A arte e sua função tem sido um debate contínuo na História e na Sociologia da Arte, especialmente quando com as vanguardas passamos a compreender a relação entre o fazer artístico e a formação de opinião. As relações complexas entre a visão de mundo e a sensibilidade de se perceber e interpretar esse mesmo contexto, ultrapassam em muito o exercício da descrição uma vez que é através das expressões artísticas/criatividade que se consegue estabelecer elos dialógicos significativos.

Como é o processo artístico? Milhares de vezes essa pergunta foi formulada e para cada vez se tentou encontrar uma resposta.

Cada pessoa tem uma bagagem imensa de intertextos, acumulados ao longo de sua vida de acordo com as vivências específicas que torna, no sentido subjetivo, cada pessoa única. Como é o processo artístico? Distinto para cada criador, sujeito aos meios e recursos disponíveis e escolhidos por cada um no seu lugar e tempo.

Em um texto provocação, que circulou entre amigos e alguns alunos, o Galvão discute o que poderá ser uma arte decolonial (2017). Ele saiu da teoria e mergulhou na prática, cinzelou sua linguagem em uma nova figuração que trata de dialogar, não com o longe ou de fora, mas com quem o rodeia, o mundo e o *ethos* dessas searas.

O colorido dessas novas telas tem os festejos dos santos juninos, a provocação remota das flores das chitas, os contrastes de uma incidência intensa de luz e sombra. Fala-nos de um barroquismo de emoções de quem corteja a vida. A arte de Galvão é só sua. Tem, é claro, o resultado da erudição pictórica que o caracteriza e, tem também, quase paradoxalmente, a expressão autêntica do povo cearense. Por isso ousou dizer que o Galvão conseguiu ser decolonial!

“... O artista deve produzir para a sua comunidade”, diz em outra parte da entrevista gravada em Janeiro de 2023. Roberto Galvão, fiel e comprometido com essa afirmativa, volta-se neste novo tempo para inclusive uma reflexão de processos onde observa não só o que está a sua volta e dialoga com a sua comunidade, mas faz a crítica e a autocrítica, aproximando-se cada vez mais de soluções inesperadas.

Em uma conversa recente (março de 2024) com o Galvão, ele me contou que quando começou sua carreira artística queria ser “moderno”. Ouvi, pensei e percebi que não estava compreendendo bem o que isso significava. É adotar a linguagem dos modernistas (?), é participar de um movimento(?), é inovar ou é tudo isso e misturado como diria a Lúcia Galvão? Acredito que é “tudo isso e misturado”. A modernidade em arte durante muito tempo parece ter repousado

na noção de abstração e síntese, afastando-se notoriamente da figuração, enquanto o mercado de arte se dividia entre o gosto de erudição filosófica e por vezes “hermética” e um que se dizia mais popular, figurativo ... nos processos de democratização do acesso à arte. Sua apreciação e consumo está no encontro do fazer artístico com o artista e o tornar confortável consigo mesmo.

Galvão viveu enquanto artista todo o tempo da Ditadura Militar no Brasil, viveu intensamente os diálogos do moderno e do contemporâneo, é idealista e observador até hoje, leitor voraz, crítico subtil; ele desejava ser moderno, o é. É homem de seu tempo e espaço.

A maturidade de um artista está quando ele, sem esforço aparente, consegue dizer com um traço tudo, quando ele não precisa inventar ou se preocupar com o que os outros estão fazendo.

Ser tão artista é fazer do que as mãos são capazes de criar um modo de ser, viver, estar. A mão que faz é a mão que transforma, é a daquele que tem como ofício perceber o mundo e o tornar mais palatável. O ser artista é ser também artesão enquanto é aquele que domina técnicas e materiais; ser artista é colocar esse domínio a serviço de sua imaginação e com ela realizar/concretizar o que o seu olhar interior deseja.

Algo que sempre me chamou a atenção, até antes de eu ter contacto com o conceito de globalização, foi como nas artes (mais perceptível do que em qualquer outra atividade humana) se consegue colocar a expressão a serviço da humanidade e dialogar, na verdade estabelecer dialogias, sem limites temporais, geográficos, culturais, ideológicos: sem limites - universalizar.

A obra de Roberto Galvão Lima tem esses elementos transversais. Enquanto produz seu discurso a partir do seu lugar, mobiliza o olhar e reflexão para além fronteiras.

Cores, formas, sentimentos, textos subliminares que nos falam de vida, luta, presenças que podem induzir o expectador à introspeção e a filosofar sobre o ser e o estar. Volto a nossa conversa quando ele de repente me disse que quando jovem queria ser “moderno”. Parei para pensar nessa palavra: moderno.

O que é ser moderno? É ser atual, presente, é nas artes identificar-se com uma vanguarda... ser moderno é algo fora ou dentro de nós? A conversa fluiu e passamos a falar de ser, sertão, ser tão e somente artista. E ali estava a resposta: ser moderno é ser; fazer do que as mãos são capazes de criar, um modo de ser, viver, estar, ser tão artista como estar no sertão, genuíno, com as flores e espinhos, o sol e a noite escura; ser nas areias que sobraram do que um dia foi mar e das serras graníticas que marcam emblematicamente a paisagem, dividindo a planície das águas salgadas. A mão que transforma é a mão do que faz, é aquele que tem como ofício perceber o mundo e o tornar mais palatável. O ser artista é ser também artesão, enquanto domina materiais e técnicas. Mas o artista coloca esse domínio a serviço da sua imaginação e realiza o que seu olhar interior deseja.

Roberto, muito novo já é instigado pelo laboratório das artes. Na sua ânsia de criar um vocabulário artístico vai aos poucos dominando o ofício de forma a quase nos induzir a pensar no virtuoso, no entanto essa é uma noção errônea. A habilidade “natural” que leva a muitos reivindicarem um auto didatismo e essa qualidade de virtuoso

muitas vezes não passa de uma destreza de ofício. Quando o fazer ultrapassa o elemento da artesanaria eis aí a grande questão: o objeto se transformando em arte.

Responder a essa questão do quando ou como essa transformação se dá, é um desafio teórico e nem sempre convincente. Tomando como exemplo o trabalho do Roberto Galvão vamos tentar desvendar essa lógica. O processo artístico parte de dois elementos: um subjetivo - a vontade/necessidade de se expressar; e o outro, a aquisição de habilidades/meios e técnicas de construir uma linguagem satisfatória e cada vez mais madura, na medida em que se torna objetiva e clara para o expectador.

O discurso plástico é feito de ensaios onde técnica e elementos simbólicos vão conjugando-se para estabelecer uma relação sensível entre objeto/sujeito/olhar, discurso e contextos. O discurso plástico vai sendo transformado na medida em que o artista absorve os sinais do seu tempo e os reflete em projeções que passam a ser atemporais onde o contexto deixa de ser importante e as inquietações apresentadas por ele se tornam transculturais, universais. Pode parecer e é, uma colocação antiquada, mas é nesse espaço intangível, que moram a arte e o artista.

A reflexão que quero trazer não é sobre o que é uma obra de arte, nem sobre como Roberto Galvão vai “traduzindo” o Ceará para o mundo. A reflexão que desejo apresentar me foi oferecida pelo próprio Roberto. A questão que nos perpassa é como um Estado marginal à produção cultural no Brasil vai se integrando a uma

noção de modernidade e vanguarda sem estar no centro desses movimentos. E ainda: o que é ser moderno?

Modernidade, como conceito é uma abstração do que seria contemporâneo, do seu tempo. É ainda uma referência de desejo de futuro. Ser moderno nas artes muitas vezes se confundiu com uma identificação com movimentos; compreendo que para o artista, a noção de modernidade terá muito de estar no seu tempo, como o próprio Galvão diz: “o artista deve trabalhar para a sua comunidade”... é muito dentro do espírito de Kierkegaard o “*hic et nunc*”.

A obra e a pessoa de Roberto Galvão, o Rogal, está em um momento muito feliz da sua produção. Expressa com uma gramática própria e generosa esse sertão bonito, vibrante, que tem nas mãos cobertas de suor e sangue (como diria Raquel de Queiroz), o amor por uma terra que também sofre e nos oferece “de um tudo” para podermos viver com a alegria do canto dos pássaros e o cheiro de flores e a vida que nos torna únicos no regozijo das chuvas, a água bonita do ser-tão.

Regina Raick - Historiadora da Arte





60 anos de vida artística: depoimento e reflexão

Sou um cidadão brasileiro, nascido em 1950, no município de Fortaleza, no estado brasileiro do Ceará. Filho de Humberto de Paula Lima, pequeno empresário não muito bem-sucedido, e Walderi Galvão Lima, funcionária pública do Ministério da Fazenda. Casei-me em 1973 com Lúcia Helena Moura Monteiro, jornalista, com quem tive os filhos: Brunno, em 1976, e Ector, em 1977.

Onde habito e desenvolvo as minhas atividades artísticas é um lugar, em sua quase totalidade, pode-se dizer, penoso para o seu habitante: geralmente quente; seco, de poucas águas; de chão duro, áspero, nos tempos de longa estiagem, gretado. Paisagem de vegetação raquítica, rala, agreste, espinhenta, rude. Mas, não é só isso. É muito mais. No tempo das chuvas, o chão é rapidamente coberto de gramíneas proteicas e surgem, não se sabe de onde,

bichos inimagináveis até em sonho. Esse lugar era/é refúgio para as populações nativas que sabiam/sabem viver com pouco ou quase nada. Era/é um território onde os nativos se sentiam, de certo modo, protegidos pela aspereza do lugar, um ninho de espinhos.

Mesmo depois da sua “descoberta” pelos europeus, o território foi por mais de século pouco habitado. Além das agruras já citadas, era lugar de difícil acesso; terra de caça rara e poucas águas doces. Mas o sol inclemente é indescritivelmente lindo no nascer e ao deitar-se. E, com tanto território paradisíaco no Brasil, onde tudo em se plantando dá, por que viver no inverso do Paraíso? É bom que se diga que somente depois da ocupação dos holandeses em terras brasileiras, em meados do século XVII, é que, verdadeira e paulatinamente, o Ceará foi invadido pelo colonizador português, com vagar e desconfiança, através das beiras das poucas águas correntes, com a intenção de estabelecer currais de gado, quando tinham a possibilidade de encontrar poços de água não salobra.

O início do fazer artístico

As minhas atividades no campo das artes visuais tiveram início na realização de desenhos a grafite, em lápis de cor e em nanquim com bico de pena de metal, executados sobre papéis ofícios mais encorpados, cartolinas e papelão branco de caixas de sapato, principalmente nas tampas, cujas pequenas abas eu via como uma espécie de moldura. Na minha mente eu sempre fiz isso. Mas o início verdadeiro deve ter sido em torno dos meus seis ou sete anos de idade, em meados da década de 1950.

Em meu percurso ou discurso de vida no campo das artes, desenvolvo ou desenvolvi quatro atividades que imagino principais: primeiro me percebo como artista plástico, desde quase criança, oficialmente a partir de 1964, quando comecei a mostrar meus trabalhos para os outros. Já rapaz, também dediquei bastante tempo e esforço na atividade de curioso da história das Artes: pesquisando, tomando notas e escrevendo algumas impressões sobre as atividades artísticas acontecidas no Ceará. Também, já mais maduro, tomei meu tempo desenvolvendo atividades de gestor na área da cultura, ocupando alguns cargos na gerência pública e da classe artística.

E, permanentemente, quase por toda minha vida adulta, fui militante defensor da importância da educação estética e artística no desenvolvimento da capacidade cognitiva das pessoas. Nesse sentido, sempre tive interesse pela história, pela produção artística, pela culinária, que considero uma Arte, e pelos processos de arte/educação.

A atividade artística na década de 1960

Em termos das técnicas empregadas, como já me referi, as minhas atividades no campo das artes visuais tiveram início com a realização de desenhos a grafite, em lápis de cor e em nanquim com bico de pena de metal.

O meu assunto predileto era o retrato de personalidades da história, principalmente do Brasil: Tiradentes, Duque de Caxias e outros personagens vistos nas ilustrações dos volumes de enciclopédias e livros escolares. Sempre gostei de folhear os tomos das enciclopédias, ver as ilustrações e ler verbetes. Quando

alguém me pedia para desenhar um Jesus, eu fazia um Tiradentes e todos adoravam. As minhas fontes de inspiração sempre foram as figuras já desenhadas e não fotografias ou a própria realidade. Os desenhos de observação de paisagens naturais ou mesmo urbanas ou arquitetônicas, acredito só comecei a fazer já quase adulto, no tempo do vestibular para o Curso de Arquitetura, no fim da década de 1960, na UFC, porque isso era/seria uma das provas do vestibular. E eliminatória.

Fazer arte era uma proposta, um exercício sem norte

No princípio, executar um desenho era um exercício ou uma curiosidade sobre a minha própria capacidade de registrar as imagens e as ideias que me vinham à mente de forma figurada. Eu não sabia as minhas potencialidades reais. Era um navegar em um oceano coberto de incertezas. Na verdade, não tinha norte definido, nem direção alguma estabelecida, perceptível. Eu olhava as imagens que despertavam meu interesse e, na minha mente, transformava-as em desenhos gráficos, sempre sem sombras ou texturas.

Na adolescência, pensava que o mundo era o “ocidente” e, se não era tinha que vir a ser. China e África não faziam parte do meu repertório. Para mim, parece que o objetivo de todos deveria ser o que se pensava que era a Europa. E a Europa era o velho continente. Pura ilusão.

Sem saber nada mais aprofundado sobre as artes, pensava que o seu auge acontecera na Grécia; achava que a Grécia ficava na Europa e não na Ásia menor; que Fídias era o máximo, o auge a se atingir na escultura; eu acreditava na existência da perfeição e que o corpo humano impecável em suas proporções deveria medir

oito cabeças e meia; e que, no tempo dos egípcios, o corpo ideal tinha nove cabeças.

Embora todas as pessoas ao meu redor tivessem a pele bege amarronzada, eu acreditava que a cor da pele era ou deveria ser pintada num rosa amarelado e que o céu era um cinza azulado, como o Chabloz um dia havia me dito. Eu via e não percebia ou não acreditava no que via. Alienação ou tolice, hoje sei. Parecia-me que os desenhos vinham ou existiam antes da realidade, como um quebra cabeça onde tentávamos encaixar nossas ideias ou idealizações gráficas.

Construções – início dos anos de 1970

Depois passei a pensar que essas ideias eram acadêmicas e que nós artistas deveríamos ser “modernos”. Eu queria ou sonhava em ser artista e, para tal, deveria ser moderno. Outra grande tolice que não sei de onde tirei ou tirava. Eu não percebia que o que nos ensinavam eram inverdades para nos fazer pensar que tudo de bom surgia e vinha da Europa. Tínhamos que ser modernos, como hoje nos dizem que devemos ser contemporâneos e outras asneiras. Na verdade, os artistas não devem ser nada pré-estabelecido. Devem se deixar guiar exclusivamente por sua mente, suas ideias, seus instintos e sonhos. Fora disso tudo é mentira. Se não fizermos isso, jamais seremos artistas.

Para ser moderno (eu sou do século passado, portanto, temporalmente deveria ser um ser moderno) passei a fazer trabalhos artísticos dentro de uma linha, digamos, construtivista ou neoconstrutivista. Foi um sucesso. Participei da Bienal de São

Paulo, ganhei prêmios, apareci na revista Veja. Também fui citado nas páginas do Jornal do Brasil e no O Globo, grandes veículos de comunicação escrita da época. Essas coisas que eu pensava que têm alguma importância, mas na verdade significam quase nada.

Como falei um pouco antes, nesse processo de tentar ser “moderno” realizei uma série de trabalhos cujo tema era arraias (papagaios, pipas) e outros brinquedos típicos do Nordeste, como piões ou coisas como jangadas, uma espécie de embarcações também muito característicos da minha terra, o Ceará, e mesmo “barquinhos de papel”. Creio que a estrutura compositiva meio geométrica e uma certa inocência, que refletiam minha juventude, o colorido tropical ou não europeu, de certo modo despertaram a curiosidade de alguns críticos sulistas. E, aliado a isso, o clima advindo dos fazeres artísticos da produção dos “Carretéis”, de Iberê Camargo; dos “Bambus”, de Ione Saldanha; das marcações de “Pontos de macumba”, de Rubem Valentin; as “Bandeirinhas”, de Volpi, referendavam o caminho seguido e despertavam a curiosidade de parte do público das artes visuais e de alguns que acreditam que estar em sintonia com alguns artistas importantes ou com alguma importância reconhecida tem algum significado.

**Em fins da década de 1970 e na década de 1980:
o loteamento da paisagem e a engenharia genética**

Todavia, com o passar do tempo, em meados da década de 1970, na universidade, fui ficando um pouco mais maduro e as ideias e o contexto do ambiente político brasileiro foram tomando conta da minha mente e exigindo respostas a algumas questões que notoriamente

se apresentavam: as dunas estavam sendo devoradas pela ganância capitalista de empresas imobiliárias; e a engenharia genética parecia brincar com algumas coisas tidas como sagradas, proibidas e perigosas.

Li em um lugar qualquer, não lembro onde, Deschamps afirmando que de nada adianta o pretenso artista se pintar de amarelo, subir no telhado de sua morada e gritar: “Eu sou artista”. Ser artista é dádiva divina. Você pode procurar ser, propor, trabalhar loucamente e apresentar obras, mas ser artista de verdade é uma proposta que está fora do nosso arbítrio ser ou não ser.

Em mim, estas questões me aparentavam pertinentes: Como é que eu, que pretendia ser artista e acreditava que a minha função era tirar os véus das coisas que se me apresentavam, poderia ficar mudo frente a essas realidades? Eu acreditava que era meu dever de artista registrar e fazer ver que aconteciam coisas novas que precisavam ser notadas. E lá vou eu enveredando no caminho de realizar trabalhos em duas séries sobre esses assuntos: a série “Loteamento da Paisagem” e a série “Engenharia Genética – os Bichos”.

A primeira fazendo registros rápidos da paisagem cearense e graficamente destruindo-os, apagando-os ou dividindo-os em quadrados ou lotes. A segunda registrando figuras esdrúxulas compostas de somatários de pedaços de corpos distintos onde se misturavam pessoas e animais em composições heterodoxas.

Na década de 1990, surgem outros olhares

No final do milênio houve uma pequena mudança de rota. Senti a necessidade de buscar conhecimentos um pouco mais sólidos.

Viajei, observei obras importantes em museus, galerias, vi exposições, bienais, estudei e desenvolvi visões que acredito mais pessoais, menos livrescas. Refleti e registrei algumas coisas em livros, artigos em jornais e revistas, apresentações em catálogos, palestras, cursos e debates. Tentei ensinar um pouco do que eu acreditava ter aprendido. Ajudei na implantação de escolas de arte. Fui professor em cursos de graduação e pós-graduação em várias universidades. Na tentativa de realizar algo mais pragmático, ocupei cargos na estrutura de governo exercendo funções executivas, envolvendo-me com produções culturais mais complexas: seminários, festivais, grandes exposições, publicação de livros, etc.

Além de Fortaleza, o meu campo de ação era, principalmente, o Maciço de Baturité, onde atuei sob o manto da Associação dos Municípios do Maciço de Baturité – AMAB e do Instituto Olhar Aprendiz e, depois, durante os dez primeiros anos do milênio, em Sobral, na Escola de Cultura, Ofícios e Artes – ECOA, com o apoio da Prefeitura Municipal e, em ambos os territórios com significativo patrocínio da Petrobras.

Em Sobral, eu passava a semana quase inteira. Toda segunda-feira pela manhã ia de Fortaleza para Sobral e nas sextas-feiras à tarde voltava. Nas viagens de, geralmente, quase três horas, observava a paisagem. E foram quase sete anos de poucas águas. A paisagem era seca, escura. A vegetação sem cor. Mas quando vinha pela noite, principalmente em dias de Lua, o mato tornava-se brilhante como prata, branco – Mato Branco. Todavia, se na ida tudo era seco, e se

acontecia alguma neblina, por mais minchuruca que fosse, na volta, o mato já estava banhado de cor: um verde cheio de vida, luminoso.

Foram anos de pensamentos e dúvidas: Por que os artistas da região não transformam esse fenômeno em arte? Por que eu não faço dessa experiência obras artísticas? Até que em 2009, as primeiras ideias surgiram. Aparecem as primeiras paisagens inspiradas nos caminhos que percorria. Os primeiros estudos eram em cores terrosas. Por quê? O que eu estava fazendo era pintura e não registros do que via. As pinturas poderiam ser de qualquer cor, não necessariamente precisavam se deixar prender pela realidade. Embora não seja fácil de se obter: a liberdade de pensamento; o direito de discordar e de criar (Criar é sempre questionar o que está posto; subverter o estabelecido) são patrimônios fundamentais para a vida valer a pena, principalmente no nosso fazer. Por isso, precisamos pensar, falar e fazer mudanças sistêmicas no que está estabelecido. É preciso imaginar o que podemos fazer; refletir como lutar por um mundo mais justo, mais livre, mais equilibrado, mais delicado, mais sensível e mais feliz.

É preciso também não se deixar contaminar por uma injusta visão de mundo, onde o lucro justifique tudo. E não podemos aceitar derivações camufladas do racismo, do sexismo e da dependência, mesmo quando consentida.

Os últimos anos: o registro de fragmentos da paisagem

Voltando para o meu trabalho artístico: o que eu poderia/posso fazer enquanto artista? A resposta que me veio e vem é fazer arte.

Lembrei da nossa paisagem. E sob a influência das paisagens do meio onde habito procuro fazer arte.

Os primeiros estudos eram registros livres, só com pequenas variações de angulação, enfoque e harmonia de cor. E fui muito cobrado por isso: “porque é colorido se é “Mato Branco?”” As perguntas entravam por um ouvido, saíam pelo outro. Eu tinha fé absoluta no que estava propondo. Partir da vegetação agreste não tinha que resultar ou levar as produções que eu criava, obrigatoriamente, a representações da caatinga em cores terrosas. Eu estava fazendo arte e não representações diretas da realidade que via. Esse exercício durou os dez primeiros anos do milênio. Depois, na década de 2010, mergulhei em várias possibilidades expressivas (desenhos, pinturas, aquarelas, gravuras), sempre levado pela mente e pelo coração.

Após esse período pintando a série “Mato Branco”, veio a pandemia de Covid- 19 e, como todos os brasileiros, tivemos que nos recolher em nossas residências. Percebi então um outro mundo, mais restrito, que se limitava ao jardim da casa que eu habitava com a Lúcia, minha companheira, e, no máximo, as ruas mais próximas do entorno da nossa casa.

Percebi a existência de flores minúsculas que não via, folhas de muitos verdes e outros coloridos, gavinhas com retorcidos muito expressivos. Esse perceber possibilitou reflexões não feitas antes ou se feitas não incorporadas ao meu ser e ao meu fazer artístico.

Várias questões afloraram. Trabalhei muito na pandemia do Covid-19, e, de certo modo, posso até dizer: compulsivamente.

Isso me permitia a percepção, o encontro de soluções inesperadas e o desmoronamento de antigas certezas. O desenvolvimento ou mudança só vem com a produção - aprendi. Também resulta em erros, mas isso também possibilita avanços. O fazer abre para soluções sensíveis novas, talvez mais que o simples pensar. Fazer o que se está fazendo nos centros geradores das modas culturais é certo ou é algo fora de lugar?

Também existia uma questão que sempre estava/está presente em minha mente: com que objetivo eu pintava, para quem pintava? Qual o meu verdadeiro compromisso com o fazer artístico? Seria apenas para atender à minúscula classe compradora? Não, isso não era o correto. Fazer arte para mim seria apenas uma busca de soluções estéticas que satisfizessem meu ego criativo? Melhor compreender o meu entorno? Digerí-lo para modificá-lo no meu fazer artístico, transformando o que via e sentia em arte? Isso seria soberba. Não sou eu que digo ou defino se uma produção minha é arte ou não.

Somente o público, o povo, tem essa possibilidade e no futuro. Isso precisa de tempo, não é imediato. E o povo também tem defeitos na sua percepção. Na verdade, só nos resta (a mim e a todas as pessoas que se propõem a ser artistas) produzir, apresentar propostas e esperar que o tempo diga se esses produtos têm alguma importância ou não. Devo colher as impressões que a realidade me dá, digerí-las tentando retirar algumas insuficiências que perceba, anexar detalhes que considere pertinentes, propondo olhares que seriam meus (de todos os que se pretendem artistas) para o meu minúsculo público em nossas comunidades. Em princípio, imagino que os artistas não devem propor trabalhos para comunidades que

não são suas. Não vejo sentido na existência de propostas artísticas apenas para possíveis compradores ou pessoas de outras culturas.

Essa é uma postura que pode ser lida ou entendida como uma esperteza comercial, mas é um processo alienatório que não se deve permitir nas Artes. Creio nas artes como processos que trazem, aos que as vivenciam, ampliação da capacidade de consciência e alargamento do nível de cognição em vários campos. Sendo assim, a arte pode efetivamente provocar mudanças, por menor que seja, possibilitando uma re-existência. Pode ser ingenuidade minha, mas vejo as artes como meio eficaz de se fazer frente a atual cultura predatória em que vivemos como única verdade possível. Esses são os principais caminhos que percorri nos meus sessenta anos dedicados às artes.

Por que sertão?

Como falei no início desse texto, o Ceará é um ambiente aparentemente inóspito para o não nativo, e por esse motivo, creio, mesmo depois da sua “descoberta” pelos europeus, o território foi por mais de século pouco habitado. Além das agruras facilmente perceptíveis, era lugar de difícil acesso, de sol inclemente e indescritivelmente lindo no nascer e ao deitar-se. Era terra de caça rara e poucas águas doces.

Hoje sei e acredito que o ameríndio sertanejo, caboco calejado e não “lapidado” por saberes europeus tinha outro modo de ver e viver. Sabia como se deslocar e encontrar águas entre espinhos, caças e alimentos outros que o europeu não conhecia nem percebia. Os olhos só veem o que sabem e conhecem. Quem sabia que o

cacto armazena água pura, que sua bela flor é um bom alimento e o seu palmito é delicioso? Quem sabia coletar ostras, camarões e caranguejos nas águas e lama dos mangues? Quem comia cactos, caititus e tanajuras? Somente os nativos passados na casca do alho em suas experiências de sobreviver nas longas estiagens conheciam. Aqui a cultura é imbricada com a geografia. Hoje, esse é o meu olhar sobre o Ceará, o meu Centro e o meu Sertão.

O Sertão, o Sertão como vejo hoje, é múltiplo, tem muitas faces. É seco e verde e tem muitas cores e gradientes. É mar; é próximo e distante. Não consigo ver o meu Sertão somente como uma terra esturricada e infértil. O meu Sertão também tem chuva e cheia. E não é apenas lugar de violência, de cangaço gratuito. Também é repleto de solidariedade e respeito pelo outro. Tem afeto, amor humano. E, apesar de tudo de negativo que se divulga sobre o Sertão, não podemos permitir a esperança esvaír-se.

E compete a nós artistas pensarmos tendo a coragem de novos olhares, de nos renovarmos e de acreditarmos nos sonhos; e fazermos o que imaginamos ser uma arte nossa, digamos sertaneja.

O Ceará é um Sertão sem despudor nenhum. Sei que no imaginário das pessoas mais comuns, o Sertão é um ambiente distante, agreste e inculto, afastado de povoações, etc. Para os colonizadores portugueses, Sertão era o longe de Lisboa, do centro cultural. No geral, entende-se que o Sertão geograficamente fica no interior, longe da costa, onde o mar se abre para múltiplas possibilidades de contato com outros ambientes e outras culturas.

O cearense Gustavo Barroso admitia que a palavra portuguesa 'Sertão' nada mais é que a corruptela ou abreviatura de 'desertão',

deserto grande, apelativo dado pelos portugueses às regiões despovoadas. Ainda, segundo Barroso, já no Século XVI, pode-se encontrar a palavra Sertão designando regiões do interior de Portugal. Essa palavra já era usada pelos portugueses, antes de chegarem ao Brasil, para designar as terras interiores, longínquas, de comunicação difícil. Para confirmar essa posição, a palavra aparece duas vezes na Carta de Pero Vaz de Caminha, ou seja quando o Brasil nem existia enquanto nação, ainda era Portugal, e aparece também em outros documentos históricos.

Entenda-se também que a palavra Sertão designa uma região periférica que carrega em seu bojo a ideia de algo que rodeia um possível centro. Assim sendo, pensar Sertão é pensar uma periferia, é pensar ou estar fora de um Centro. É nesse texto ou contexto que pensamos e trabalhamos de modo mais consciente as ideias que nutrem a minha produção artística mais recente. Compreendo que, de certo modo, enveredaremos por ideias de sentidos antagônicos, que se apresentam, explicitam-se na permanente e cotidiana luta contraditória entre as ideias de centro e periferia, das culturas da modernidade colonialista eurocêntrica versus a realidade cultural dos Sertões, excêntrica e resistente, que nega a existência de centros que hoje temos consciência nos foram impostos sabe-se lá por quais interesses.

A visão de outros

A percepção de que o meu trabalho artístico registrava reflexos e fragmentos do meu lugar, em princípio não foi minha. De início, eu não tinha essa intenção de modo claro. As questões que ocupavam a minha mente eram apenas estéticas, era uma busca por mais

expressão que por qualquer outra coisa. Havia mais preocupação em expressar linguagens com equilíbrio, composição, harmonia de cores, texturas, etc. que com qualquer outra coisa. Todavia, ao longo do tempo, jornalistas, artistas, clientes ou outras pessoas ao escreverem ou comentarem o meu trabalho faziam referências a existência de algo que as fazia serem tocadas por uma ideia do lugar onde vivo. Um Sertão.

O escritor Eduardo Campos, escrevendo sobre as minhas pinturas dizia, na década de 1980, que eu era influenciado pelo meio-ambiente do lugar onde vivia. Mas faz uma ressalva, elas têm um algo “mais” e um colorido bem nutrido de cearensidade:

Não se imagine, diga-se a tempo, estarmos diante de um paisagista clássico, desses que procuram transpor para a tela o fastidioso e o óbvio. Por acaso, e por feliz acaso, Roberto Galvão confere aos seus quadros aquele “mais” que só artistas de apropriação estética realmente expressiva têm a felicidade (e também a coragem) de criar. E tudo isso emana envolvido por cores, muito bem nutridas de cearensidade – que são os nossos verdes, principalmente os protegidos de azul cambiante, em tonalidades fortes ou atenuadas, ou de amarelo, que é mais complemento indispensável de vida, do nosso ecúmeno rural, do que propriamente o gizar de desespero ou de alucinação cíclicas.

Na mesma época, o também escritor Artur Eduardo Benevides, destacava uma visão sua:

Galvão sabe o que pinta e por que pinta. Tem a consciência de sua missão histórica, na captação do mistério das coisas e na compreensão dos elementos que se ligam ao ser, ao tempo e ao mundo, sob o enfoque transfigurador da arte.

Como falei antes, isso não era verdade. Eu não percebia ou tinha uma intenção clara de fazer registros do meu lugar. Ao mesmo tempo, José Alcides Pinto destaca o meu processo de trabalho e também, na visão dele, a capacidade que ele (o meu trabalho) tem de fazer perceber aspectos do “mistério” ou dos “mistérios” da região que habito:

Situado numa linha de concepção e grandeza naturais, as vezes partindo de uma imagem real para a construção de uma mensagem que transmite ao espectador uma perspectiva da práxis. Outras, o simples registro da paisagem como se apresenta, na transparência das cores, imagens, ritmos, linhas, nuances, mostrando a maleabilidade do autor no jogo das formas puras. E tudo isso fala de perto ao sensualismo, ao mistério e à premonição nos vários aspectos de sua criatividade – o espaço tempo – em que a ótica do espectador atravessa o infinito, proporcionando o sonho e a fantasia que a paisagem de seus quadros intui à alma contemplativa.

Na década seguinte, 1990, em Madri, o escritor espanhol Antônio Maura, no meu entendimento também reafirma a opinião dos escritores atuantes no Ceará e convida a visita aos meus quadros para conhecer os “mistérios” do Brasil. Isso para mim, principalmente o uso recorrente da palavra “mistério” diz que o meu trabalho é um produto que pode desvelar visões da realidade pouco perceptível do meu lugar:

Quem desejar conhecer esse Brasil que flui pelas veias dos grandes rios, quem pretender desvelar a miragem da terra calcinada, quem quiser ouvir à distância o vago tam-tam dos tambores, desses tambores negros que abrem as portas do mistério, e quiser sentir o

tremor e a chama sobre o tédio de uma gruta ao amparo do oceano, escondida na planície deserta, que visite os quadros de Roberto Galvão, habitante do sertão e do mar que existem em Fortaleza, a cinco graus do Equador, junto com a luz requeimada de sol.

Em 1992, a crítica de arte Claude Dourval, em Paris, comenta que a minha pintura:

objetiva exprimir toda a magia, o charme e a fantasia deste mundo mestiço que é o Brasil, onde se fundem, num rico sincretismo, culturas europeias, negras e índias

Pulando aproximadamente vinte anos, em 2014, em Salvador, o artista e crítico baiano César Romero afirma ou reafirma que o meu trabalho tem referências do meu estado natal, destacando que a série Mato Branco, na ocasião em exibição na capital baiana reflete/refletia a “desolação da rarefação vegetal”, comum no Sertão nordestino. Outros comentaristas também em suas falas ou escritos sempre tocam no assunto: José Guedes, Maurício Coutinho, Paco Lara, Regina Raick, Sebastião de Paula.

Não sei se essas visões citadas são fantasiosas ou influenciadas umas pelas outras. Todavia, posso entendê-las como, pelo menos no entendimento desses observadores, existe uma confluência de ideias que os faz perceber no meu trabalho, como disse Eduardo Campos na década de 1980, que ele é “bem nutrido de cearensidade”. Ou melhor, para muitos observadores o meu trabalho reflete cearensidade e no meu entendimento percebo essa palavra como algo de espírito sertanejo. O Ceará é Sertão, a cearensidade é sertaneja.

Outras visões mais próximas

Na segunda década do século XXI, alguns comentaristas continuam se reportando a essa “presença” do Sertão no meu trabalho. No meu modo de ver pessoal, passei a acreditar como verdade essa influência. Realmente, passei a acreditar que o meu trabalho carregava fragmentos do contexto onde eu atuava. Os observadores não poderiam estar inventando coisas despropositadas. Eles deviam ver e sentir o que diziam em seus textos. Mesmo não sendo símbolos explícitos, minhas pinturas deveriam carregar em seu bojo reflexos e fragmentos das realidades que eu vivia, principalmente das paisagens que me envolviam.

Para mim mesmo o meu trabalho e a minha própria postura diante do meu fazer tomaram uma outra dimensão, deixando de ser totalmente inconsciente e assumindo um outro sentido e intenção: o Sertão passou a ser o meu tema. O meu olhar passou a ser mais seletivo e, acredito, perspicaz. Menos atrelado aos movimentos artísticos alienígenas. Percebi que nós, os artistas periféricos, precisávamos esquecer certas práticas e nos reposicionarmos na vida e no mundo de modo diferente.

A primeira mudança por realizar seria perceber e estudar a necessidade de se romper com as imposições colonialistas que vêm dos grandes centros econômicos. Isso não é simples. Mesmo os que pretendem resistir, precisam de tempo para se estruturarem e, principalmente, amadurecerem. É preciso haver desejo coletivo de resistência e mudança. É preciso organização, trabalho, muita cautela, educação e convivência com as artes.

Na verdade, ainda somos/estamos colônia e precisamos lutar contra isso. Talvez não tenhamos mais os nossos países ocupados por tropas estrangeiras, mas estamos ocupados de outros modos. Nossos modos de vestir, de pensar, de aprender, de ver o mundo são colonizados. Talvez as nossas mentes estejam ocupadas. Na verdade, nos faltam autonomia, reconhecimentos de nossas potencialidades e valores e, principalmente, a aceitação como iguais por nós mesmos. E pior, fomos, estamos e somos cotidianamente seduzidos e temos o desejo de sermos possuídos pelo que não somos nem jamais seremos.

Precisamos construir novas memórias. As nossas foram tornadas desimportantes, esquecidas, apagadas, destruídas. Hoje, na verdade precisamos eliminar o desejo de sermos brancos, modernos, sofisticados, elitistas e, colocar de lado ou esquecer, a visão estritamente patrimonialista e capitalista das artes. Isso faz parte dos processos de dominação e exclusão que nos impõem. É um modo de controlar o ver, o sentir e o valorar (o modo de darmos valor) a nossa produção cultural. Qualquer postura diferente é subdesenvolvimento cultural. É transposição de modelos culturais que não são nossos. É colonialismo. Por isso precisamos acabar com a subordinação normalizada e consentida em que vivemos, e desenvolvermos juízos, gostos e modo de apreciação próprios. Precisamos construir e estabelecer uma nova reexistência. Precisamos fazer e viver as artes como um processo de reexistência.

Nesse sentido, busco entender como o cearense comum compreende as artes ou os produtos artísticos. Sei que na sua apreensão as artes são muito imbricadas com os ofícios e fazeres, e com a representação das coisas. Assim as artes ditas

contemporâneas têm pouca aceitação, são muito carregadas de conceitos que não fazem parte do repertório dominado pelo povo comum e de propostas por demais complexas. Percebo também uma forte permanência do espírito barroco; de uma certa paixão pelo colorido intenso, quase primário; e pela aplicação das cores que valorizam uma certa textura cromática contrastante, um quase pontilhismo. Chego lá.

Assim sendo, atualmente, pouco me interessam as vanguardas, principalmente europeias. E além de deixar me levar pelo meu sentimento, busco uma sintonia com o repertório estético do meu povo. Acredito que todas as propostas artísticas devem ser dirigidas às comunidades onde os artistas atuam. O resto é alienação ou algo fora de lugar.

A exposição “Sertão” para marcar meus 60 anos de arte

A exposição Sertão Galvão reúne trabalhos dos últimos anos; desenhos em nanquim e lápis de cor, aquarelas, gravuras, monotípias, técnicas mistas, pinturas e bordados executados por minha companheira de vida - Lúcia Helena Lima, reunindo quase a totalidade dos procedimentos artísticos a que me dedico regularmente.

Os temas abordados nas minhas pinturas podem causar uma certa estranheza nos espectadores, principalmente as obras que registram flores: chanas, cuxás, flores de cactos, palmas, damas da noite e outras florescências não muito percebidas mesmo por quem habita o sertão. Esse é exatamente o motivo que me leva a registrá-las. Elas são o meu sertão.

Acredito que esse recorte mostra, talvez, o que de mais maduro fiz no meu percurso de fazeres artísticos nesses sessenta anos e possibilita o desenvolvimento de um trabalho educativo para os estudantes que tiverem a oportunidade de ver essa mostra no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará que, para minha honra e orgulho, acolhe a mostra Sertão.

Roberto Galvão

Artista Plástico



Sertão Galvão: polinizando com arte

Roberto Galvão pintou a tela *Aves de arribação* para ilustrar, com exclusividade, a capa do romance de Antônio Sales, o primeiro livro publicado pela Editora UFC. Sim, optamos por começar as nossas atividades com vida pulsante, com rios correntes e com muito amor, tudo o que *Aves de arribação* oferece ao seu leitor.

Embora tenha vivido a seca de 1877, assistido à devoração pelas dunas do seu vilarejo do Parazinho em Paracuru (CE), ao declínio do mercantil do pai – o único sustento de toda a família, como consequência da seca – Antônio Sales não escreveu sobre a seca em seu único romance publicado, cuja primeira edição data de 1914.

Roberto Galvão pintou a primeira imagem, na história deste romance brasileiro, que não traz, na capa, a tristeza da seca, do êxodo e da fome, como as versões previamente publicadas por outras editoras.

Roberto Galvão, portanto, sabe produzir vida mesmo quando esta encontra-se por um fio: o corpo padece e envelhece, mas a alma do artista se expande em pulsão vital.

A exposição *Sertão Galvão* é dedicada a Lúcia Helena, o amor da vida inteira de Rogal, como é carinhosamente chamado por ela, ou simplesmente o “menino réi”. Para Lúcia Helena, o Rogal pintou mais de 300 flores. “É tudo seu, meu amor”, testemunhei a sua dedicatória pronunciada diante dos meus olhos e ouvidos no jardim da sua casa.

As flores do *Sertão Galvão* crescem no jardim da casa deles. É Lúcia Helena quem cuida de cada uma delas e faz festa quando os botões se desabrocham, cada um no seu tempo e ritmo próprios. É assim que vive a vida: “tudo tem o seu tempo”, ela repete como um mantra.

Na condição de artista, Roberto Galvão tudo olha, admira e captura em seus desenhos e suas pinturas. Na preparação da exposição *Sertão Galvão*, passou vários meses ininterruptos pintando flores, dia e noite, para comemorar os seus 60 anos dedicados à arte, em 2024. As flores ganharam cores vivas e pulsantes, assim como é a vida que ele sente agora: “estou vivendo a melhor fase da minha existência”, ele me confidenciou naquele mesmo banco do jardim na sua casa.

A vida em cores pulsantes é o modo de existência que Roberto Galvão compartilha diuturnamente com Lúcia Helena, com quem é casado há mais de meio século. O amor, na casa deles, floresce e se renova a cada novo dia, assim como são as plantas do seu jardim.

Em *Sertão Galvão*, o artista mostra que está cada vez mais vivo, acreditando na vida que se renova, mesmo diante das intempéries da idade e dos desafios da saúde debilitada. Lúcia Helena, numa tarde de domingo, no seu jardim, me disse: “Basta observarmos a natureza para constatar que tudo se renova todos os dias e a

gente também.” A vida dos dois se renova diariamente e o presente é uma dádiva a ser vivida, sem tempo a perder.

Viver para pintar foi uma missão concedida a Roberto Galvão, que largou o curso de Arquitetura da UFC, há mais de cinco décadas, por ouvir de um de seus professores que, na Arquitetura, não tem espaço para artista. Mas ele sabia que queria ser artista ou melhor ele já era um artista muito antes de ingressar na Universidade. Sessenta anos depois da exibição do seu primeiro trabalho como artista plástico, no Salão de Arte Estudantil, quando ainda era um adolescente, chegamos ao *Sertão Galvão*, para admirar a maturidade do artista, que, inspirado na *Suite Vollard*, de Pablo Picasso, pintou o triplo de flores para o amor da sua vida.

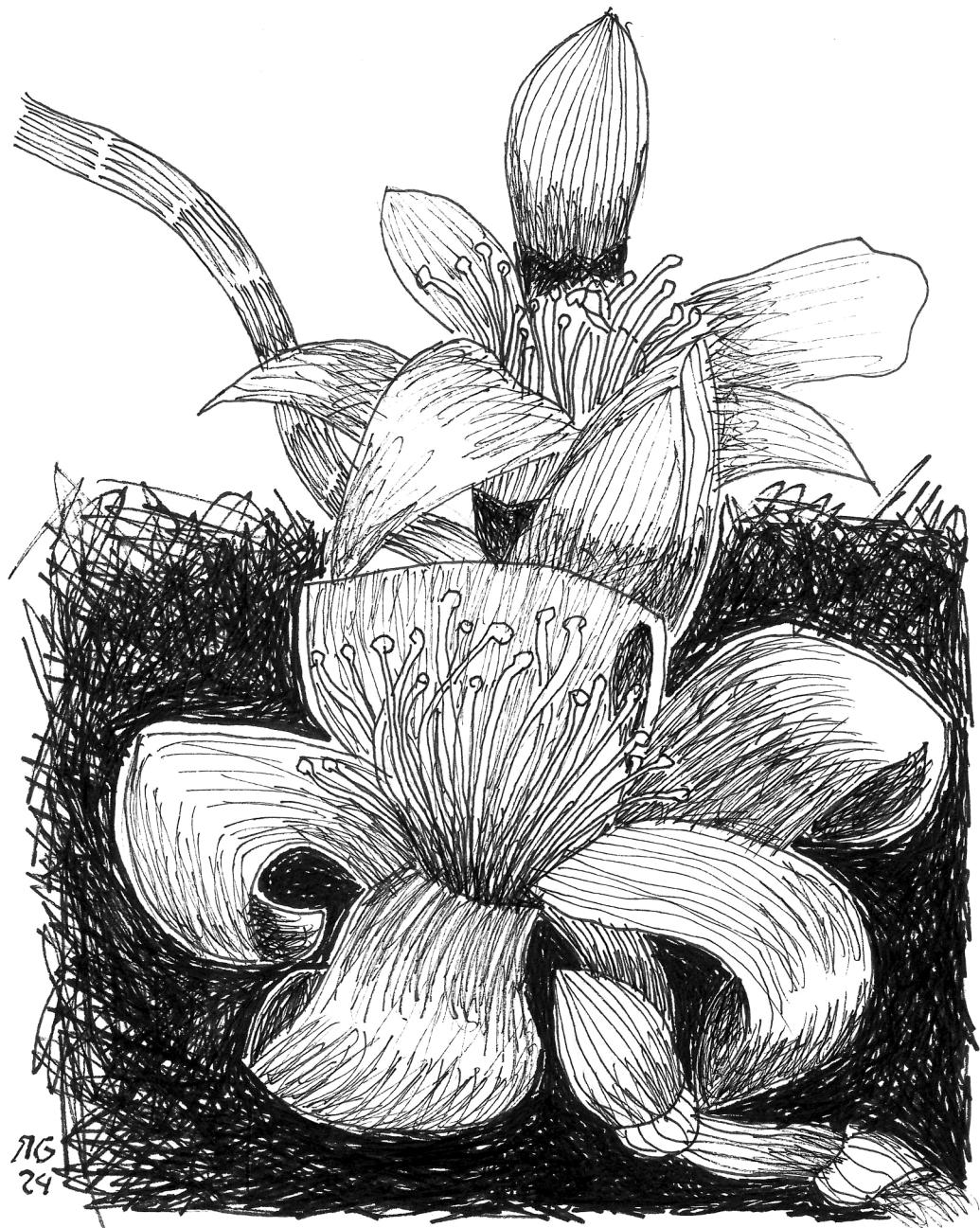
“A obra é o fio da vida que perpassa todas as flores”, explicou-me naquele dia no banco do jardim. “Essa tripinha”, que atravessa toda a sua arte, é como ele denomina o fio da vida.

Desejamos que a Universidade Federal do Ceará, ao comemorar 70 anos, continue sendo o espaço da vida verdejante, das ideias correntes e de muita amorosidade na formação de novas gerações de artistas e de cientistas.

A vida pulsa em nós.

Que privilégio é o viver.

Prof. Dr. Francisco Silva Cavalcante Junior - Psicólogo
Presidente do Conselho Editorial da UFC
Diretor da Editora UFC



Monólogo dedicado ao artista Roberto Galvão

Desabrochar... despertar... desenlear... desencadear...
Desacorrentar... desencilhar... escancarar... esviscerar... Atravessar...
esgarçar... arrombar...

O artista faz, desfaz, refaz, constrói, desconstrói... e... vai!

“Como é que é? O artista ainda vai? Não... Já foi!”

O artista é aquele ser que vive em eterno estado de inquietude, sempre com algo mexendo, pulsando por dentro, ele encontra o êxtase na criação, no fazer, na ação, na reação, no movimento contrário ao esperado...

Em êxtase no brincar com lápis de cores, ou com argila ou moldando o ferro, a pedra ou o vidro. Ele não para, dedilha teclas ou cordas... afina o corpo se lança do trapézio, e se ilumina e ilumina o circo

da vida, desvendando outros mundos quando desencadeia, aquele incêndio que aquece, mas não queima, e mesmo quando se autodestrói transmuta cada célula em humus fértil.

Do artista brotam ideias, claras ou obscuras, invisíveis e contagiosas que se espalham pelo mundo dos livros, dos jornais, dos folhetins. Do artista estão sempre germinando desenhos, contos, poesias, pinturas, nervuras de papel machê, peças de teatro, um mundão de coisas lindas!

Como ele cria!

Mas...

Nem todas as criações agradam, muitas perturbam, incomodam, desagregam..., mas, o artista está sempre pronto para dialogar, argumentar, debater, esbravejar, cantar, berrar, recitar, dramatizar...

O artista sempre está presente... o artista está sempre com o pé no presente e uma passada planejada no futuro distante e intangível.

Ao artista cabe a ousadia de errar pensar bobearas e baboseiras, questionar as coisas sagradas e imaculáveis e para isso ele questiona, zomba, comenta, argumenta, debocha e blasfema.

Às vezes assume posturas ofensivas, agressivas, estúpidas, absurdas e até perigosas...

Mas por isso mesmo ele nasce artista, aquele ser único que se permite ousar...

Expressar sua arte, seu caos, transcrever seus fracassos, pintar seus amores, esculpir suas dores, disseminar nas nuvens suas chagas abertas, escancarar seus ódios, medos e raivas!

O artista, chora, soluça, geme baixinho...

E, muitas vezes paga um preço alto... é exilado, morto, ferido, mutilado...esquecido em um fundo de um baú! As famílias tradicionais não suportam ter artistas em suas genealogias. E procuram adestrar seus filhos e filhas que porventura ousem expressar alguma forma de arte.

Ser artista não é de bom tom.

A sacrossanta família da TRADIÇÃO, RELIGIÃO e PROPRIEDADE se sente ameaçada pelo artista

O artista é uma excreção, um apêndice doentio que deve ser extirpado para o bem de todos e felicidade geral da nação.

Se o artista fizer apenas entretenimento menos mau! É proibido fazer algo que provoque à reflexão, que faça alguém pensar, a natureza não pode ser jamais valorizada, ousar pensar em proteção de fauna ou flora é crime hediondo. Criticar o loteamento da paisagem é algo inominável.

O artista é algo perigoso na manutenção do status quo. Ele sobrevive de teimoso pois, quantas vezes não foi perseguido e aniquilado pelo sistema que considera sua forma de ser e estar no mundo ameaçadora, desrespeitosa ou abjeta.

CORTEM-LHE A CABEÇA! Lembram da Rainha de copas da Alice no país das maravilhas?

“Na batalha entre armas e ideias, as ideias no fim vencerão. Porque as ideias são invisíveis, perduram e, as vezes podem até ser verdadeiras”.

O artista é um bicho incansável, sempre buscando um novo diálogo, lutando para expressar novos sinais imperceptíveis às pessoas fechadas à escuta do outro, incapazes de compreender umas às outras pois não conseguem se comunicar. Enxergam, mas não veem, escutam, mas não ouvem...

Ou será que... Não querem ouvir? não querem se mover?... Talvez seja mais fácil apenas, pregar, evangelizar, converter... obedecer...

As pessoas sensatas calam. Escutam... Processam...

Não, não busquem sensatez ou lucidez na arte!

O artista é um rabiscador compulsivo sempre escrevendo nos papéis de embrulhos, nos guardanapos, nos muros dos becos ou dos fundos dos quintais. Com os dedos, carvão ou giz.

O artista foge dos trilhos e busca novas trilhas; é fundamental para ele desbravar seu próprio caminho mesmo que acabe em um desfiladeiro ou em uma gruta profunda na cratera de um vulcão. Com uma pedra ele vai gravar a sua história nas profundezas da terra. Quem vai ler ou ver? Alguém...

Se foi até hoje assim por que não mudar? Nada precisa ser do mesmo jeito, tudo pode mudar...

O artista sabe ou desconfia que sabe... às vezes compreende... outras duvida... sempre questiona... e busca compulsivamente! E lê, e relê...

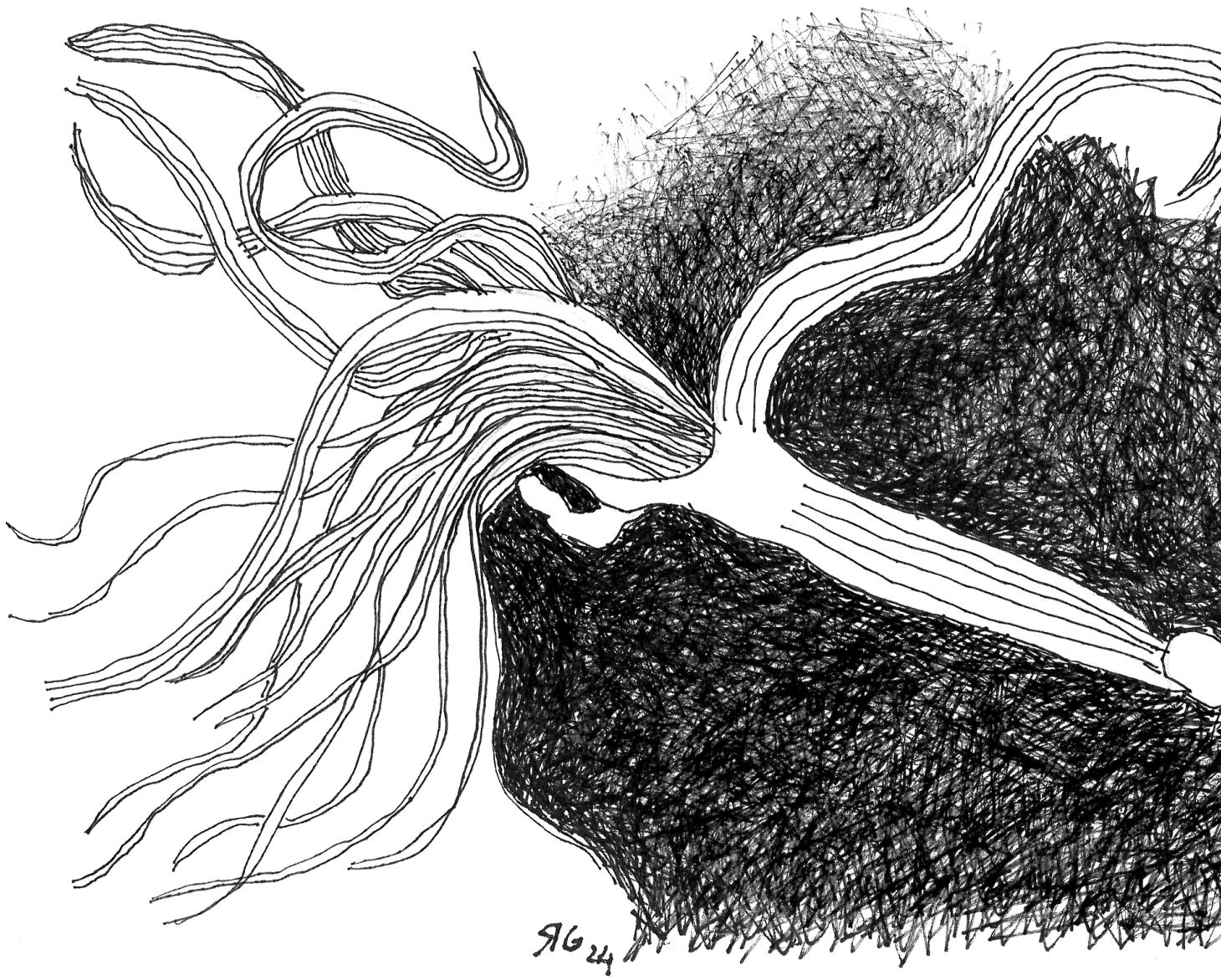
“Quando nos sentimos ameaçados pela mudança, tentamos manter as coisas no lugar – o que é outra maneira de descrever o aspecto do eu que se recusa a deixar os padrões antigos morrerem. Mas, se não pudermos conscientemente permitir que os padrões morram, então, não podemos aproveitar os benefícios energizantes da regeneração. (p. 49, 2019)

Nada é fácil nesse universo de sonhos, fantasias, realidades nuas e cruas. Para mudar é essencial se permitir errar, cair, errar novamente, ralar joelhos e mãos... aprender a engatinhar e ter humildade para estender a mão ao cacto e se levantar. Talvez, então... entre em contato com a tão almejada perfeição sem nunca aspirar aceitação ou reconhecimento. Por isso o artista vai, vai sempre, no rumo da venta, dos ventos, fugindo dos portos seguros e das calmarias e se deliciando com as tempestades e furacões.

“Cadê o artista?

Sumiu com o pôr do sol! Mas fica tranquilo, amanhã ele volta que nem o amanhecer!”

João Câmara
Ervil - Teatrólogo



9624



SER TÃO GALVÃO
MULTICOLORIDO
FARTO
CONVIDATIVO

GALVÃO
É FESTA
É VERDE
SÃO FLORES

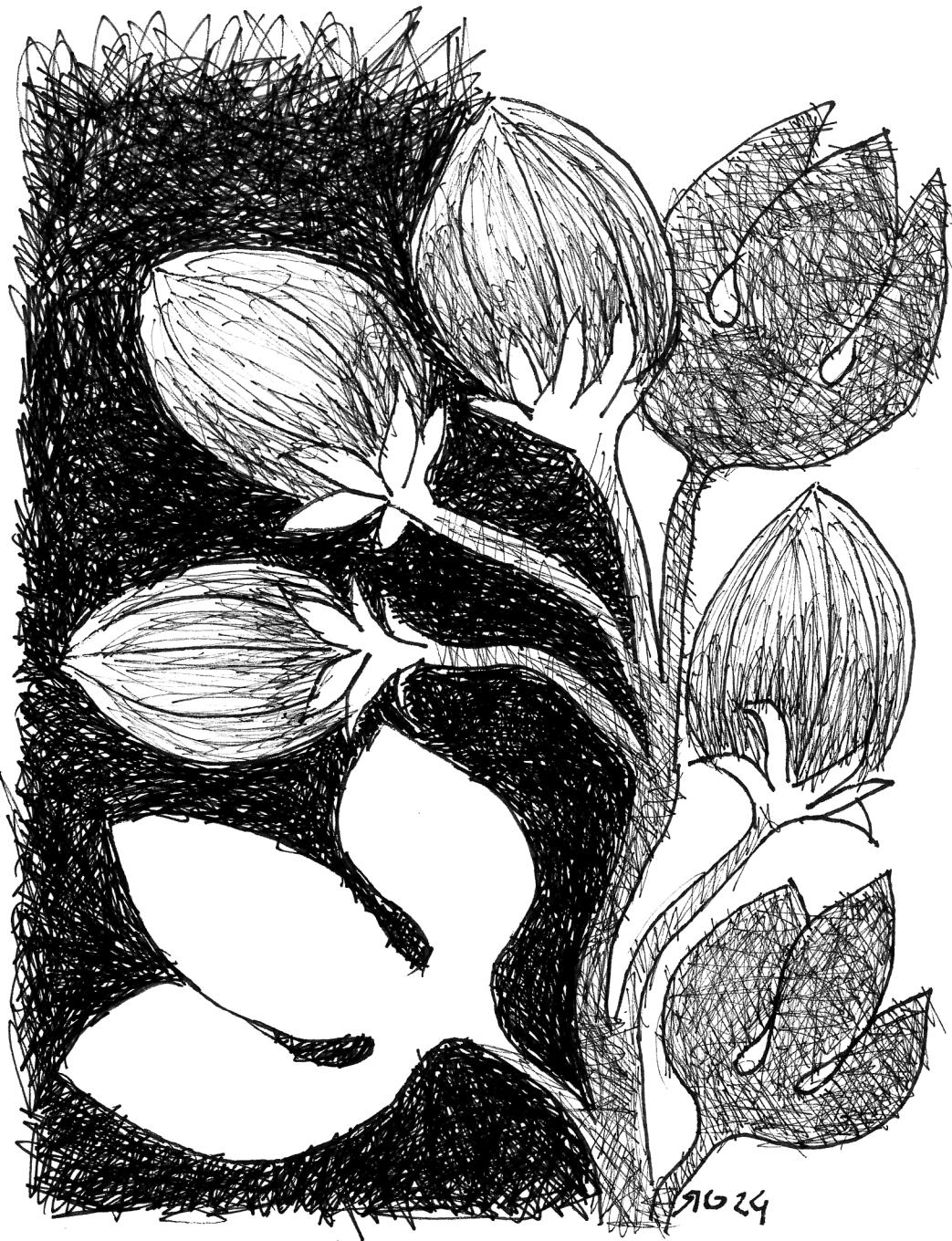
MESTRE INQUIETO
INTÉRPRETE
E CONSTRUTOR
DE NOSSAS PAISAGENS AFETIVAS
E ESPIRITUAIS

SEU JARDIM É GENEROSO,
EXPANSIVO ASSIM COMO
É SUA TRAJETÓRIA

COM SUAS MÃOS E PENSAMENTOS,
GALVÃO AQUARELA E PINTA
ESCULPE E GRAVA
ETERNIZA SENTIMENTOS
E IMPRESSÕES

SERTÃO É PARTILHA,
TRANSBORDAMENTO
E GENEROSIDADE

Destques de **Ignez Meneleu Fiúza**
do texto do curador Saulo Moreno



9624

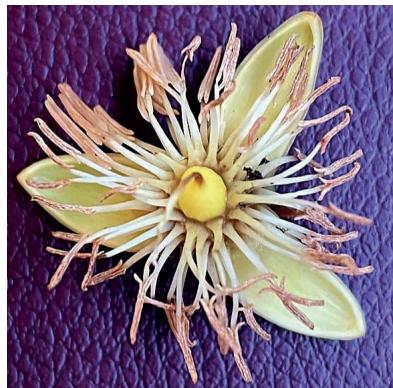
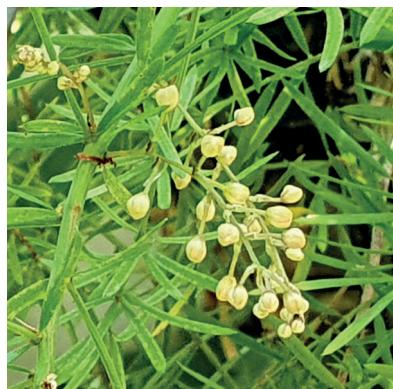
**“ ... se a vida, como a arte e a literatura, é bela,
quando é refletida nas obras, ela pode e deve ser
mais sublime, mais intensa, mais concentrada,
mais típica, mais próxima do ideal e, portanto,
de um caráter mais universal que a realidade cotidiana.”**

Mao Tsé-Tung, “Sobre a Arte e a Literatura”, 1942

MOMENTOS DA MOSTRA SERTÃO GALVÃO



INSPIRAÇÃO

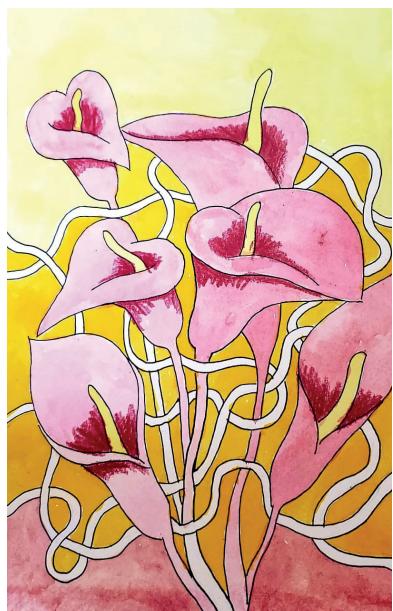
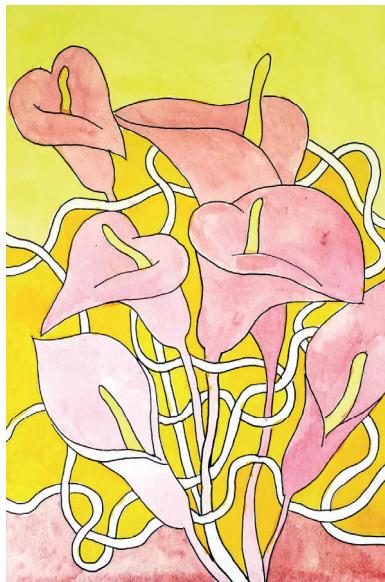
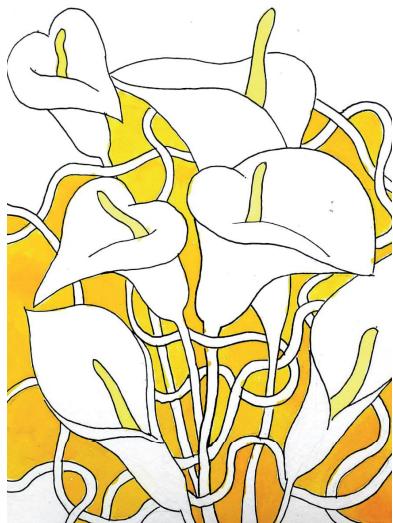


ELABORAÇÃO

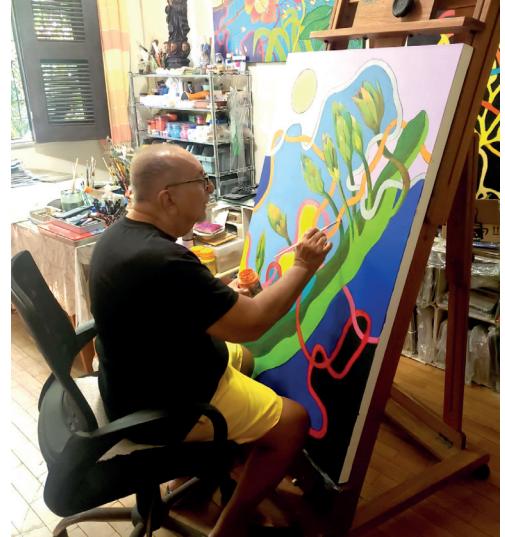








REALIZAÇÃO







REFLEXÃO



MONTAGEM







ABERTURA





VISITAÇÃO





EXPOGRAFIA



O artista é aquele ser que vive em eterno estado de inquietude, sempre com algo mexendo, pulsando por dentro, ele encontra o êxtase na criação, no fazer, na ação, na reação, no movimento contrário ao esperado...

João Arruda - teatrólogo









O colorido dessas novas telas tem os festejos dos santos juninos, a provocação remota das flores das chitas, os contrastes de uma incidência intensa de luz e sombra. Falamos de um barroquismo de emoções de quem cortega a vida. A arte de Galvão é só sua. Tem, é claro, o resultado da erudição pictórica que o caracteriza e tem também, quase paradoxalmente, a expressão autêntica do povo cearense. Por isso ousou dizer que o Galvão conseguiu ser decolonial!

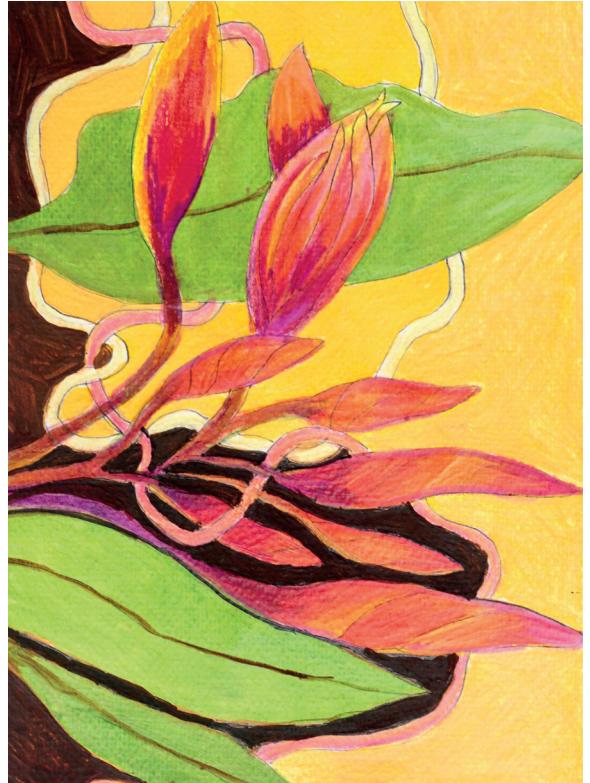
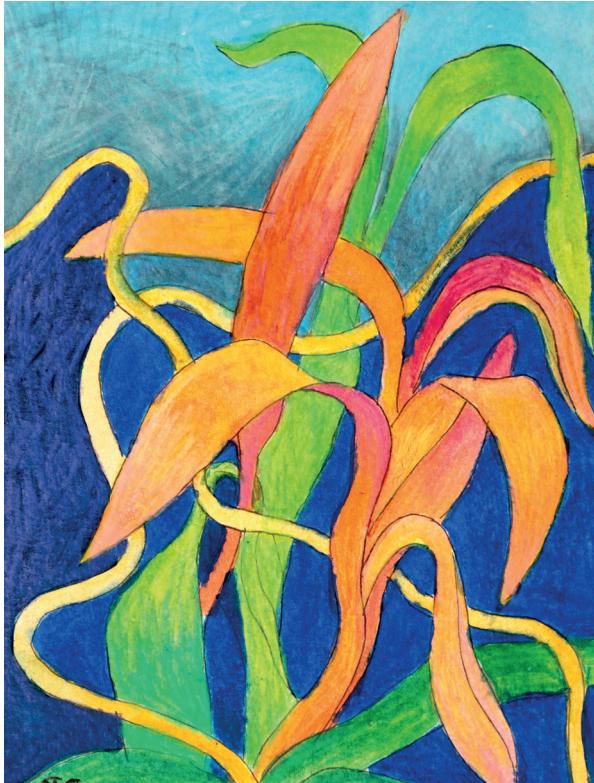
Regina Raick - crítica













916 23







Bordados de
Lúcia Helena Lima a
partir de desenhos de
Roberto Galvão



POLINIZAÇÃO



Documentário "Percurso",
de Regina Raick, sobre
os 60 anos de arte
de Roberto Galvão



Oficina de arte têxtil
com Expedita Ricarte

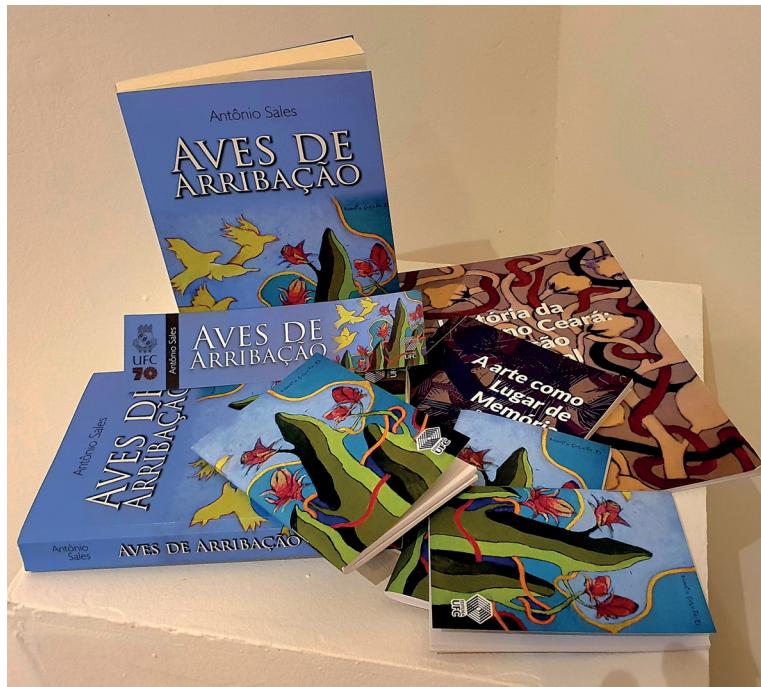


Camerata de Cordas da UFC
apresenta as *Quatro Estações*,
de Antônio Vivaldi

Cadernos de Suely Façanha,
com detalhes de obras
de Roberto Galvão



O romance “Aves de Arribação”,
de Antônio Sales, publicado pela
Editora UFC aos 110 anos da
primeira edição, tem capa a partir
de pintura de Roberto Galvão





Visitantes se inspiram na arte de Roberto Galvão



Vinhos e espumantes “Cipó” e “Flor do Manguê”, desenvolvidos nas serras gaúchas pela winemaker Sílvia Rabello, tem rótulos inspirados em obras de Roberto Galvão



Impressão e Acabamento

Expressão Gráfica e Editora

Rua João Cordeiro, 1285 - Aldeota - Fortaleza - Ceará

CEP: 60110-300 - Tel.: (085) 3464-2222

E-mail: arte@expressaografica.com.br

Esta obra foi composta em Lato Regular, corpo 12,
impressa sobre o papel Couchê Liso 117g/m²



MAUC
MUSEU DE ARTE DA UFC

UFC 



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**
PRÓ-REITORIA DE CULTURA